

O RACISMO RECREATIVO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO *BLACKFACE*

RECREATIONAL RACISM: A DISCOURSE ANALYSIS OF BLACKFACE

Douglas Lima Rodrigues

Graduando em Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela
Universidade do Estado da Bahia, campus VI.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-3099>
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
E-mail: oedouglas1@gmail.com

Janaina de Jesus Santos

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –(UNESP).
Professora adjunta na Universidade do Estado da Bahia (UNEB/CampusVI)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8888-6592>
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
E-mail: jjsantos@uneb.br

Resumo

O presente estudo tem por objetivo compreender as condições de emergência do acontecimento *blackface* alinhado ao racismo recreativo (MOREIRA, 2019), no século XXI. Para tanto, adotou-se o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de origem francesa, com contribuições de Michel Foucault. Foram assumidas as noções foucaultianas de discurso, arquivo e acontecimento discursivo como centrais do estudo. Para a análise, foi mobilizado o método arqueogenalógico e, desde essa perspectiva, montado um arquivo de enunciados verbo-visuais sobre a referida temática, cujos critérios de seleção foram a expressividade, a materialidade verbo-visual e a circulação em mídias e redes sociais, na atualidade. A relevância desta pesquisa se estabelece no cenário contemporâneo ao tratar de questões discursivas focalizadas a partir do racismo recreativo, no intuito de desenvolver reflexões para uma educação crítica e antirracista. A construção do arquivo e sua leitura possibilitaram compreender o enunciado *blackface* como acontecimento discursivo, operando na manutenção de preconceitos que resultam em discriminação contra a população afrodescendente, bem como dificultando a erradicação do racismo nas mídias e redes sociais, além de contribuir na expansão desse enunciado para todo o corpo social. O estudo possibilitou entender portanto, o caráter dinâmico do racismo como sistema discursivo pela vertente recreativa, demonstrando que, na contemporaneidade, a circulação e as práticas de enunciados *blackface* ainda estão presentes nas mídias e redes sociais, e permitem que tais práticas racistas sejam cometidas. Daí, percebe-se que a linguagem da mídia tem a rapidez e a leveza da atualidade, que possibilitam a grande circulação de discursos que podem promover a transformação para a convivialidade. Entretanto, ainda carece de princípios éticos que fortaleçam valores como o respeito e a justiça.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo; *Blackface*; Mídia; Racismo Recreativo.

Abstract

This study aims to understand the conditions of emergence of the blackface event aligned with recreational racism (MOREIRA, 2019), in the 21st century. Therefore, the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis of French origin was adopted, with contributions from Michel Foucault. Foucault's notions of discourse, archive and discursive event were assumed as central to the study. For the analysis, the archeogenealogical method was mobilized and, from this perspective, a file of verbal-visual enunciations on the subject was assembled, whose selection criteria were expressiveness, verbal-visual materiality and circulation in media and social networks, nowadays. The relevance of this research is established in the contemporary scenario when dealing with discursive issues focused on recreational racism, in order to develop reflections for a critical and anti-racist education. The construction of the file and its reading made it possible to understand the blackface enunciation as a discursive event, operating in the maintenance of prejudices that result in discrimination against the Afro-descendant population, as well as making it difficult to eradicate racism in the media and social networks, in addition to contributing to the expansion of this enunciation for the entire social body. The study made it possible to understand, therefore, the dynamic character of racism as a discursive system for the recreational side, demonstrating that, in contemporary times, the circulation and practices of blackface statements are still present in the media and social networks, and promote such racist practices to be committed. Hence, it is clear that the language of the media has the speed and lightness of the present time, which allow for the great circulation of discourses that can promote the transformation towards conviviality. However, it still lacks ethical principles that strengthen values such as respect and justice.

Keywords: Discursive event; Blackface; Media; Recreational Racism.

1. Introdução

Na contemporaneidade, apreender os discursos e analisá-los nas materialidades verbo-visuais tornam-se tarefas inescusáveis, dada a nossa relação com a linguagem rápida, atraente, sintética e multimídica dos meios de comunicação da sociedade da informação (MORAN, 2000). Esse exercício teórico-metodológico estimula a visão do analista do discurso em investigar para compreender as relações entre enunciados discursivos com fatores extralinguísticos. A primazia do discurso nesta pesquisa advém da possibilidade de analisar uma historicidade própria dos enunciados que dão visibilidade a práticas racistas, a saber, o racismo em sua vertente recreativa, no século XXI. O racismo recreativo, conceito de Adilson Moreira (2019), visa problematizar o racismo através das manifestações que se valem do humor para disseminar estigmas e preconceitos raciais sobre a população afrodescendente.

Em consonância com Moreira (2019), este estudo objetiva elaborar um arquivo digital com enunciados que centralizem a prática do *blackface* coletados em mídias e redes sociais para investigá-lo enquanto acontecimento discursivo, na contemporaneidade. A questão-problema que o direciona parte de como os enunciados *blackface* circulam nas mídias e redes sociais, e como constituíram-se historicamente enquanto enunciado que integra um acontecimento discursivo na perspectiva do racismo recreativo?

O arquivo é constituído por enunciados verbo-visuais e tem base nos pressupostos foucaultianos ecoados por Sargentini (2014), ao demonstrar as novas possibilidades de construção do arquivo como materialidade de realização de pesquisas científicas no ambiente virtual. Em suas palavras:

A web tornou-se uma ferramenta democrática e eficaz na redistribuição dos arquivos. Tantos institucionais como pessoais, arquivos contendo documentos (escritos e imagéticos) de uma dada época, ao serem reativados produzem na sociedade efeitos diversos (SARGENTINI, 2014, p.27).

Para o reconhecimento dos enunciados coletados em arquivos, seguimos o critério “[...] das relações de sentido possíveis com o passado – domínio de memória – com o presente – domínio da atualidade – e com o futuro – domínio de antecipação” (COURTINE, 1981 *apud* SARGENTINI, 2006, p.38).

2. O discurso na contemporaneidade: novos horizontes de análise

Considera-se os meios de comunicação digitais como elemento central nas condições de possibilidades atuais, tendo em vista as materialidades discursivas da linguagem verbal e verbo-visual e a ampla e rápida circulação. A sociedade da informação tem se comunicado cada vez mais por formas multimídicas, de modo a mobilizar linguagens rápidas, sintéticas e atraentes. Nesse contexto, Moran (2000) alerta para o consumo de imagens que torna tudo válido, fluido, importante, efêmero e generalizado. Essa generalização ao mesmo tempo em

que facilita a compreensão rápida, pode levar a simplificações, e, por conseguinte, a distorções da realidade, parcialidade da compreensão e criação/reforço de estereótipos.

A necessidade de apreender novas formas de materialização da linguagem, sobretudo, as oportunizadas pelas tecnologias digitais, visa demonstrar o caráter transformador do signo linguístico e semiótico, em seu estado continuum de rarefação como um instrumento de representação heteróclito para um mundo cada vez mais globalizado, pois "os signos devem representar também sua própria representatividade, indicando-nos de algum modo a que representação estão ligados" (CASTRO, 2018, p. 59). Essas novas formas de produção de significações e representações no ambiente digital parte da linguagem que revela novas existências e atende ao "[...] vocativo para investigarmos essa materialidade, para questionarmos sobre as possíveis congruências de noções e funcionamentos entre o linguístico, o sonoro e o imagético no tempo e no espaço" (SANTOS, 2014, p.15).

Dessa forma, a Análise do Discurso mostra-se fecunda para subsidiar estudos, pesquisas e discussões acerca da realização e da materialização do discurso nas diversas linguagens na era digital, uma vez que a referida área compreende a linguagem conectada ao sujeito, à história e aos variados veículos de comunicação em que enunciados verbais ou verbo-visuais emergem.

O discurso constitui-se por uma ordem que permeia a complexidade da ação discursiva, não por ser "simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos apoderar-nos" (FOUCAULT, 1970, p. 10). Enquanto área teórica-metodológica, "à escolha metodológica vincula-se a escolha teórica, o que deve ser condizente com a natureza do objeto discursivo tomado para análise" (FERNANDES, 2007, p.60). Por esse ângulo, "o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo efeitos de sentidos" (ORLANDI, 2020, p.61).

A linguagem tomada como processo discursivo torna-se um gerador efervescente de "[...] conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar

desvinculado de suas condições de produção” (BRANDÃO, 2012, p.11). Nesse sentido, a linguagem pela perspectiva discursiva de análise permite que pesquisas possam ser desenvolvidas para compreensão de diversos temas em diálogo com diferentes áreas do conhecimento, com a restrição de que seja considerada a relação entre a linguagem, a história, seus respectivos sujeitos e suas condições de possibilidades. Assim, os enunciados produzidos em um dado espaço e tempo, estruturados pelo discurso, na estrutura da linguagem possibilitam ao analista do discurso estudos transdisciplinares sobre os acontecimentos discursivos. Para Revel (2005, p.13), o acontecimento origina o discurso, que, por sua vez, estão interrelacionados “os ‘acontecimentos discursivos’ e os acontecimentos de uma outra natureza (econômicos, sociais, políticos, institucionais)”.

Identificar o *blackface* como enunciado discursivo direciona para os acontecimentos sócio-históricos, econômicos, políticos e institucionais que possibilitaram seu nascimento pela estrutura sistematizada de hierarquização racial. O *blackface* como enunciado utiliza-se da linguagem verbo-visual para promover a discriminação racial por meio da “circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias raciais na forma de humor” (MOREIRA, 2019, p.31). A problemática desse tipo de produção acerca da referida comunidade étnico-racial pode acarretar em sérias consequências em vários âmbitos, tais como socioeconômico, psíquico, moral, identitário e cultural, não obstante, a contínua produção e circulação de enunciados que se enquadram em um determinado discurso de opressão podem engendrar danos em nível coletivo, conseguindo se perpetuar historicamente enquanto proposições preconceituosas e possibilitar práticas discriminatórias e desigualdades sociais.

O *Racismo Recreativo*, para Moreira (2019), destina-se a redarguir tais produções enunciativas racistas que se utilizam dos ambientes e situações de recreação para praticarem ações racistas. O racismo recreativo, a título de exemplificação, seria uma ramificação, sendo uma das inúmeras facetas de materialização através do discurso do racismo estrutural. Para Moreira (2019, p.98): “dizer que o racismo recreativo é um tipo de política cultural significa

reconhecer seu caráter discursivo, implica a necessidade de examinarmos os processos responsáveis pela produção das representações derogatórias sobre minorias raciais”.

Diante disso, os avanços nos meios de comunicação na contemporaneidade, o alcance e a circulação de enunciados racistas são mais expressivos e diversos, tornam-se acentuados e diuturnos. O papel das mídias nessa conjuntura é destacado negativamente, pois, desde as “instituições modernas, e em especial a grande mídia enquanto espaço público de construção de narrativas e conceitos, têm sido instrumentos de reafirmação de estigmas raciais” (MOREIRA, 2019, p. 1).

Portanto, é de indispensável relevância considerar a “[...] relação que existe entre esses grandes tipos de discursos e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação” (FOUCAULT, 2001, p.45). Para investigar as condições de possibilidades que resultaram no enunciado *blackface*, na próxima seção, adotaremos o método híbrido arqueogenealógico provindo das obras de Michel Foucault.

3. Arqueogenealogia como ferramenta metodológica

Michel Foucault (1970) problematiza, em sua aula inaugural no Collège de France que resultou no livro *A Ordem do Discurso*, o ato ou ação de dizer em uma posição pré-estabelecida, por e para determinados sujeitos, em lugares no tempo-espaço situados. Neste momento, o referido filósofo destacava duas noções centrais, o saber enquanto produções de verdades e o poder como exercício de domínio, relações de forças e resistências.

A arqueologia foucaultiana explica que o método até então empregado nas análises foucaultianas: auxilia na descrição objetiva da “dimensão vertical, que engloba o discursivo e o não-discursivo [...] para encontrar ali o *a priori* histórico, a saber, as condições de possibilidades dos saberes de cada época” (CASTRO, 2018, p. 53-54). Essas condições permitem a emergência de alguns enunciados e não outros, de modo que interessa nesse

estudo, o processo histórico do *blackface*, principalmente de sua volta no século XXI, pois é com base na ”determinação dos visíveis e dos enunciados em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as ideias, tornando-as possíveis.” (DELEUZE, 2005, p. 58-59). Tal afirmativa ganha sustento em Foucault (2003, p. 255-256):

O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimentos. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições.

Assim, a arqueologia foucaultiana toma o acontecimento a partir da reflexão sobre a produção dos saberes que se constituem em acontecimentos discursivos, tendo em vista que o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1970, p. 25). Nessa mesma direção, Revel (2005, p.13) destaca a composição de “toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas”. Daí, o *blackface* enquanto acontecimento discursivo tecido na teia de saberes e poderes em funcionamento no século XXI. Outro destaque nos estudos foucaultianos que se direciona para uma melhor compreensão do objeto em análise neste estudo, é a genealogia, na qual compreende-se que as produções de saber estão intimamente ligadas com as relações e o exercício do poder. Na esteira nietschiniana, a genealogia do filósofo francês:

seria [...] com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico (FOUCAULT, 1979, p. 172).

A conciliação entre a genealogia e a arqueologia fundadas por Foucault, possibilitam análises por noções do arquivo como “o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa época dada e que continuam a existir através da história” (REVEL, 2005, p.18).

Ele (o discurso) é inesgotável, isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com outro um outro discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes (ORLANDI, 2020, p.60).

O recorte para o referido estudo, delimitou a constituição do arquivo entre o final do ano de 2019 ao início do segundo semestre de 2020, coletados em mídias e redes sociais disponíveis pela *World Wide Web* (internet), sendo referenciados e datados no momento da coleta. Os enunciados que compõem o arquivo dialogam entre si pelo objeto discursivo *blackface*, sobretudo, nos princípios que versam sobre o racismo recreativo. Adota-se a arqueologia foucaultiana para elucidar quais e como os saberes foram constituindo-se através do tempo, incorporados no corpo social, pelas instituições, imbuindo pelas relações de poder em uma interface arquegenealógica que “enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos” (DANNER, 2009, p. 786).

4. Descrição, Análise e Discussão

O princípio dessa pesquisa desponta através do acontecimento do caso de *blackface* praticado pelo primeiro ministro do Canadá, Justin Trudeau, em 2019¹. O episódio obteve repercussão mundial após uma publicação viralizar nas mídias sociais, reativando assim os debates dentro e fora da *web* acerca do *blackface*. Justin Trudeau aparece em uma série de publicações em fotografias e vídeos, nos quais o político tem seu corpo pintado de tinta preta, usa peruca e traja calças e blusas rasgadas. Noutras imagens, em anos posteriores, o atual primeiro ministro aparece novamente, com roupas que remetem a população de origem arábica, também com o corpo pintado por maquiagem na coloração preta, o que inclui seu rosto. Após todos os vazamentos de suas práticas em *blackface*, o ministro se retratou publicamente em nota para a imprensa, confirmando que a praticou durante anos de sua vida, sobretudo entre as décadas de 1990 a 2000, alegando não possuir consciência da gravidade de

¹ ARCOVERDE, Letícia; DIAS, Tatiana. *A foto de Justin Trudeau. E o debate sobre o blackface*. Nexo, 19 de set. 2019. Disponível: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/19/A-foto-de-Justin-Trudeau.-E-o-debate-sobre-o-blackface>>. Acesso em: 25, fev de 2021.

tal ação e que se arrependia de tal feito. A prática é identificada pelas características de sua composição, sendo marcadamente comuns: pessoas brancas utilizam-se de materiais em coloração preta para pintar/maquiar o corpo, além de caricaturar os traços fenóticos da população afrodescendente, a exemplo do cabelo, lábios e olhos.

No Brasil, A Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) reconheceu o caráter danoso do racismo² e, em 2003, o Governo Federal Brasileiro criou a Secretaria de Políticas Públicas da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) no combate à discriminação e à desigualdade racial. Recentemente, em 2020, as redes sociais *Facebook* e *Instagram* informaram a adoção de políticas mais severas no combate ao racismo por meio de banimentos de páginas e perfis, que façam uso ou incitem através de seus conteúdos, discursos de ódio em suas publicações, incluindo aquelas de cunho racistas e as práticas de *blackface*³. Em uma breve revisão sobre o termo raça, retornamos para o final da Idade Média, quando a “raça” era utilizada como referência à linhagem sanguínea da nobreza, não demorando muito, estendeu-se para a distinção entre as religiões cristã e muçulmana, o que contribuiria para sustentar a noção de superioridade e inferioridade no ideário de supremacia e pureza sanguínea. Segundo Lima (2019, p.13).

É com a expansão europeia que as características físicas se tornaram um aspecto importante para identificação e hierarquização dos diferentes tipos de humanidades, sendo associadas a uma descrição estereotipada de atitudes e comportamentos que posteriormente seriam incorporadas pelas teorias de raças.

Nesse percurso, o avanço do pensamento científico no século XIX produziu estudos de cunho científico e político para analisar a raça como fator biológico, para subsidiar a diferenciação da espécie humana em raças, surgindo a área “raciologia”. No entanto, no século XX, pesquisadores do projeto genoma comprovaram que não existiam raças humanas, apenas a espécie humana como um todo. Esse achado científico refuta totalmente a distinção

² No entanto, a ONU também reconhece a complexidade do racismo no Brasil, e afirma que o país possui altas taxas de desigualdade em inúmeras áreas da vida do cidadão afrodescendente, ressaltando além, o discurso enraizado da “*falsa democracia racial*” e o racismo institucionalizado. (ONU, 2014)

³ FACEBOOK and instagram ban images of Zwarte Piet. *The Bruxelles Time*, 11 de ago. de 2020. Disponível em < <https://www.brusselstimes.com/news/art-culture/126304/facebook-and-instagram-ban-images-of-zwarte-piet/>>. Acesso em: 25, fev de 2021.

da espécie humana em raças e desloca tal discussão da biologia para o domínio da sociologia, no sentido de que o termo se destina a uma invenção sócio-histórica e não de uma ordem natural.

Contudo, o sentido atribuído à raça ainda persiste e resiste no imaginário popular, sendo alimentado pelas instituições modernas e contemporâneas. Em linhas gerais, o racismo se baseia na ideologia da hierarquização das raças, divididas em grupos biológicos que haveria uma correlação de superioridade e inferioridade, no qual tal relação poderia ser identificada pelas características étnico-raciais (LIMA, 2019). Nessa mesma perspectiva, Almeida (2019, p. 22) compreende o racismo por sua constituição macroscópica e afirma que:

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Destarte, o racismo na visão de Almeida (2019) pode ser pensado como um sistema estrutural de micro a macro esferas da sociedade contemporânea. Daí, assume-se esse ponto de vista em conjunto com o racismo recreativo (MOREIRA, 2019) para investigarmos a prática do *blackface*. De acordo com Borges (2007, p.16), não se sabe em específico quando tal prática originou-se. No entanto, as produções que partem desse enunciado possuem registros históricos no processo abolicionista da escravidão da população afro-estadunidense, acontecimento que acarretou na guerra civil de 1821 e, na sequência, a implementação das leis de segregação, conhecidas popularmente como as leis de *Jim Crow*. As leis baseavam-se na hierarquia racial e na segregação social entre brancos e negros em espaços sociais públicos e privados.

Já a expressão *Jim Crow* remete a uma cantiga afro-estadunidense de somente dois versos *Jump Jim Crow*⁴ do século XIX nos Estados Unidos. Essa cantiga era uma manifestação cultural dos afro-estadunidenses que passou a circular entre a população de pele branca de forma gradual e jocosa. Borges (2007, p.17), relata que a apropriação da cantiga se

⁴ *Weel about and turn about and do jis so,
Eb'ry time I weel about and jump Jim Crow* (BORGES, 2007).

deu quando o ator Thomas Dartmouth Rice ao observar um homem negro performando entre cantos e danças, apropriou-se não só da cantiga, mas de todas as características possíveis, desde trejeitos, dialeto, e vestimentas para encená-las em shows teatrais da época. As peças teatrais ocorriam pela *Minstrel Show*, destinada para a população branca nos Estados Unidos de alto prestígio social. Oliveira (2020, p. 5) explica o *blackface* e suas consequências:

[...] homens brancos passaram a se apresentarem em shows de menestréis com práticas teatrais em que atores brancos coloriam suas peles com verniz para sapatos, tinta para graxa ou carvão de cortiça, para representarem personagens negros de forma vexatória e exagerada, além de preguiçosos, alcoólatras e analfabetos, estimulando o humor e a zombaria àqueles, uma vez que essas caricaturas adentravam ao imaginário americano, reforçando estereótipos.

A segregação racial que passou a ser conhecida com as leis de *Jim Crow* se deve às tensões políticas e econômicas entre as populações brancas nortistas e sulistas do país, a partir da decisão da abolição da escravidão que viria a vigorar em 1808 em partes dos Estados Unidos. Nesse cenário, o país ficou dividido entre escravistas e abolicionistas e o *blackface*, sob a marca de *Jim Crow*, sai do entretenimento e passa a denominar também as leis de segregação, como aponta Fraga (2018, p. 8) “em 1875, o Tennessee adotou a primeira lei *Jim Crow*, que se refere ao princípio ‘separados, mas iguais’”:

estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurante, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e para negros” (KARNAL et al., 2014, p. 145 *apud* FRAGA, 2018, p.8).

Os Estados Unidos já pressionado por manifestações, por políticos da oposição, bem como pelas governanças internacionais, desfaziam-se do projeto de lei de segregação entre brancos e negros e em resposta à abolição, a resistência da parte considerável da população branca fez surgirem organizações sociais supremacistas, independentes, principalmente no sul dos Estados Unidos que pregavam a superioridade da raça branca e a subordinação da negra e latina, dentre as quais, destaca-se a *Klu Klux Klan*, do século XIX. O personagem *Jim Crow* não residiu puramente no espaço do entretenimento, mas desdobrou-se na promoção das desigualdades raciais e seus conflitos sociais. Moreira (2019, p.171) afirma que tais consequências são passíveis de ocorrer porque

[...] uma sociedade que permite a circulação de discursos que negam a humanidade de um grupo de pessoas, permite que eles possam ser discriminados, segregados e exterminados porque propaga a ideia de que eles não são merecedores de empatia (MOREIRA, 2019, p.171).

Nesse sentido, o racismo recreativo não só operou para a cristalização de estereótipos como para o “discurso de ódio corrente que torna o sofrimento de negros algo intensamente desejado para alguns e inteiramente indiferente para muitos” (MOREIRA, 2019, p.171). O *blackface* praticado inicialmente nos teatros e espetáculos dos Estados Unidos, propagou-se por todo o continente americano, chegando na América Latina e por conseguinte no Brasil. Essa produção verbo-visual considerada humorística, alicerçou estigmas que já figuravam no imaginário da sociedade, reforçou os preconceitos, ideários supremacistas e, impediu a população negra de viver humanamente – objetivo buscavam desde a proclamação da independência nos países colonizados e desde o fim da escravidão da população afrodescendente⁵. Costa (2007, p. 17-18) destaca a relação entre a popularidade do *blackface* e o estereótipo:

[...] sua grande popularidade deixa entender facilmente o modo como o sucesso do número de menestrel veio a estabelecer e fixar o retrato mitificado do negro [...] a ideia estereotipada de como eram os negros ainda era mais facilmente inculcada na mente das pessoas pelo conteúdo das inúmeras canções que os menestréis ajudaram grandemente a divulgar.

No que se refere ao Brasil, essas práticas percorreram de maneira semelhante à história dos Estados Unidos, passando do teatro para o audiovisual. Entretanto, há um detalhe especificamente brasileiro, da suposta cordialidade racial embasada pelo *O mito da democracia racial* (RIBEIRO, 2019). No entanto, na contemporaneidade o *blackface* é rechaçado pela opinião pública e criminalizado como ato racista, embora ainda circule nas mídias e redes sociais. O país possui uma imensa quantidade de produções de *blackface*. A título de exemplificação, destacamos o quadro no canal *Multishow* no programa intitulado

⁵ Diferencia-se [...] a escravidão na América de todas as demais formas anteriores de cativeiro é o nascimento de uma ideologia racista, que passou a associar a cor da pele à condição de escravo. Segundo esse sistema de ideias, usado como justificativa para o comércio e a exploração do trabalho cativo africano, o negro seria naturalmente selvagem, bárbaro, preguiçoso, idólatra, de inteligência curta, caniba, promíscuo [...]” (GOMES, 2019, p.59)

Humor Multishow, interpretado pelo ator Paulo Gustavo, homem de pele e fenótipo branco. O referido ator encena uma personagem, caracterizada como mulher brasileira, cujo codinome é Ivonete, como podemos ver no fotograma abaixo:

Figura 1: Ivonete



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EAVFA5f9WSI>⁶.

Recortamos o episódio *Volta Cobrador*, com duração de 1:19 (um minuto e dezenove segundos) coletado na mídia social de audiovisual *Youtube*. O enunciado é composto por linguagens verbais e visual, a caracterização do ator dá-se com a pele artificialmente escurecida por maquiagem, com os lábios marcadamente pintados na cor rosa, utilizando de peruca que alude ao cabelo conatural afrodescendente, além de fazer uso de alguns acessórios como bijuterias e de roupas que remetem à população brasileira menos favorecida socioeconomicamente. Tais considerações podem ser atestadas pelo cenário da área de serviço, que emoldura os sentidos da personagem, remetendo ao seu trabalho como empregada doméstica.

Já na enunciação verbal, a personagem fala o português popular, marcado por gírias, e dialetos com pronúncias fonológicas de baixo prestígio social e informal, além de usar vocábulos que denotam promiscuidade e depravação moral, o que exhibe outro preconceito na constituição da personagem, o sexismo contra as mulheres negras pela sua representação em *blackface*. Moreira (2019, p. 83) demonstra ao declarar que,

o humor racista permite que estereótipos negativos sobre minorias raciais circulem de forma incessante, o que contribui para que estigmas afetem todos os aspectos da vida dos indivíduos, razão pela qual eles provocam a desigualdades de status moral e status material entre grupos raciais.

⁶ Publicado em 15 de jan. de 2016, possui 702.128 visualizações, com 4 mil *likes* e 114 *dislikes*.

Não obstante, outra personagem em que identifica-se os mesmos enunciados destacados na personagem Ivonete, é a *Adelaide, a devastadora*. Moreira (2019, p.111) disserta que a personagem Adelaide é “interpretada por um homem branco que tinha o rosto pintado de preto, como não deixar de ser, seu nariz era significativamente aumentado, seu cabelo não era penteado e suas roupas eram velhas”. Na figura abaixo, observa-se a personagem montada para encenar o seu quadro humorístico em emissora de televisão aberta.

Figura 2 – Adelaide, a devastadora



Fonte: Momento Verdadeiro (2012)

A personagem Adelaide possuía um quadro fixo no programa de humor *Zorra Total*, da emissora de televisão Rede Globo dentre os anos de 2012 a 2015, dirigido por Maurício Sherman, tendo como cenário e plano de fundo o metrô que utilizava como transporte para chegar ao seu trabalho - no qual também exerce a função de empregada doméstica. Além dos elementos que compõem a personagem, o enunciado visual também é semelhante, destacam-se os exageros nos traços fenóticos da personagem Adelaide. E, quanto mais marcados são, mais expressivos são os estereótipos. Em 2012 o quadro foi denunciado enquanto prática racista por parte da população brasileira por meio da Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial, como informa o site *UOL* (2012). O ator Rodrigo Sant'anna, o intérprete da referida

personagem, ao ser procurado para pronunciar-se a respeito, respondeu que “o foco do meu trabalho é o humor”⁷.

No ano seguinte, em 2013, o site *Fórum de Notícias* publicou: “Os defensores do programa e do quadro apresentam a argumentação de sempre, em prol da ‘liberdade de criação’, e de que se trata apenas de um programa humorístico⁸, pronunciamento que resultou em um questionamento feito pelo referido site sobre o quadro: “Mas será que a expressão humorística é descolada da realidade?” Com todas as pressões políticas, jurídicas e sociais, o quadro deixou de ser exibido somente em 2015. Recentemente, com o aparecimento de plataformas de *stream*, a *Netflix*, lançou uma série audiovisual intitulada *Dear White People* (Cara Gente Branca, no Brasil) em 2017, com três temporadas, com episódios de 30 minutos cada, em que são abordadas problemáticas envolvendo o *blackface* de forma política, crítica, recriminando tais práticas ainda recorrente no século XXI, levantando dessa forma, as discussões e debates em torno dessa prática na contemporaneidade nas mídias e redes sociais e seus impactos sócio-raciais. Isso coloca em evidência a importância de questionarmos a emergência dessa prática e suas consequências nefastas para problematizar o *blackface* enquanto manifestação discursiva do racismo recreativo.

Considerações Finais

O trabalho pretendeu compreender as condições de emergência do enunciado *blackface*, alinhado com a noção foucaultiana de discurso, bem como a reflexão dos processos de saber e poder. Entendido como enunciado, tal prática é constituída pelo discurso do racismo recreativo (MOREIRA, 2019), emaranhado em relações históricas, políticas e sociais, principalmente no que se refere à subalternização das comunidades afrodescendentes. Foi

⁷ NEVES, Carla; DAMIÃO, Renato. *Adelaide, personagem do "Zorra Total", é denunciada por racismo*. UOL, 2012. Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/04/adelaide-personagem-do-zorra-total-e-denunciada-por-racismo.htm>> Acesso em: 25, fev de 2021.

⁸ OLIVEIRA, Dennis de. *Sobre Adelaide, Zorra Total e o racismo sem graça*. Forum. 2013. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/revista/sobre-adelaide-zorra-total-e-o-racismo-sem-graca/>>. Acesso em: 25, fev de 2021.

considerada a relação entre os saberes instituídos e o poder exercido pela construção e representação dos brancos sobre a população negra como uma rede complexa que reúne diversas instâncias da sociedade. Nesse sentido, foi trazida uma contribuição a partir dos estudos da linguagem concebida como construção discursiva, tomando o audiovisual como potencializador e cristalizador de sentidos perpetuados pela história. A linguagem da mídia tem a rapidez e a leveza da atualidade, que possibilitam a grande circulação de ideias que podem promover a transformação para a convivialidade. Entretanto, não obstante, carece de princípios éticos que fortaleçam valores como o respeito, a equidade e a justiça de reparação racial e social.

Percebe-se que, por mais que o mundo tenha passado por mudanças profundas em diversos âmbitos, tais como a globalização dos mercados, o capitalismo pós-industrial e a cultura pós-moderna; ainda há uma grande resistência para a implementação da equidade étnico-racial, o que impacta diretamente na população afrodescendente. Ao mesmo tempo em que repercutem essas transformações vê-se a discriminação e o racismo se espriarem nas diversas instituições, negando a constituição do sujeito negro fora de estereótipos. Portanto, pode-se concluir que o *blackface* enquanto “racismo recreativo almeja preservar um sistema de representações culturais que legitima a dominação branca por meio da desqualificação sistemática de minorias raciais” (MOREIRA, 2019, p.151).

Referências

ALMEIDA, Silva. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARCOVERDE, Letícia; DIAS, Tatiana. A foto de Justin Trudeau. E o debate sobre o blackface. **Nexo**, 19 de set. 2019. Disponível: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/09/19/A-foto-de-Justin-Trudeau.-E-o-debate-sobre-o-blackface>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BORGES, António. **De Jim Crow a Langston Hughes**: “Quando a música começou a ser outra. 179p. (Dissertação- Mestrado em Estudos Anglísticos). Departamento de Estudos Anglísticos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

CARMO, Miguel. Michel Foucault e a gestão da vida. **Kínesis**, v. 11, p. 229-241, 2019.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução: Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1971

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV**. Estratégia, saber-poder. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRAGA, Larissa. Dear White People e o imaginário do Racismo nos Estados Unidos. In: **Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville, Santa Catarina, 2018.

LAGE, Mariana Luísa. et al. Preconceito maquiado: o racismo no mundo fashionista e da beleza. In: **Anais IX Encontro de Estudos Organizacionais**, 2016, Belo Horizonte.

LIMA, Emanuel. Racismos no plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. In: Emanuel Fonseca Lima et.al. (Org.). **Ensaio sobre os racismos**. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2019, p. 01-153.

MORAN, José. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-66.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

NEVES, Carla; DAMIÃO, Renato. Adelaide, personagem do "Zorra Total", é denunciada por racismo **UOL**, 2012. Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/04/adelaide-personagem-do-zorra-total-e-denunciada-por-racismo.htm>. Acesso em: 25 fev. 2021.

OLIVEIRA, Alana. SILVA, Kennedy. O Blackface no Carnaval Brasileiro e a Legitimação do Racismo Recreativo. **Das Amazônias**, v. 3, p. 4, 2020.

OLIVEIRA, Dennis. de. Sobre Adelaide, Zorra Total e o racismo sem graça. **FORUM**. 2013. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/revista/sobre-adelaide-zorra-total-e-o-racismo-sem-graca>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

UN Human Rights Council. Report of the Working Group of Experts on People of African Descent on its fourteenth session. **Addendum: Mission to Brazil**, 23 September 2014, A/HRC/27/68/Add.1, Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/543794674.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SANTOS, Janaina. **Produções discursivas do horror: materialidade fílmica e memória na trilogia de Zé do Caixão**. 220p. Tese. Programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARGENTINI, Vanice. Relações entre enunciado e arquivo na construção do discurso político. **Signótica**, n.2, p.37-47, 2006.

SARGENTINI, Vanice O arquivo e a circulação de sentidos. **Conexão Letras: a noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos**. v. 9, n. 11, 23- 30, 2014.

Submetido em: 30/06/2021

Aprovado em: 05/02/2022